

A COMUNIDADE NO BRASIL: UM ESTUDO TENTATIVO PARA SUA CONFIGURAÇÃO

L. F. RAPOSO FONTENELLE

Uma contradição manifesta-se, logo de início, entre o escopo e a envergadura do tema — que envolve considerações as mais controvertidas pelos especialistas em Ciências Sociais e, mesmo, com o grande público em nosso país e o espaço, a extensão, o reduzidíssimo número de linhas dêste pequeno artigo. A limitação restringe o âmbito e a orientação das nossas ponderações a uma mera apresentação de idéias que julgamos, todavia, necessárias para um juízo preliminar e básico da essência da estrutura social e do sentido cultural das comunidades no Brasil.

Comunidade, um dos conceitos mais difundidos da terminologia sociológica, tem sido vastamente empregado por autores filiados às mais diversas correntes de pensamento e originários de variadíssimas fontes de formação intelectual, em uma multiplicidade de situações. A própria utilização do termo não é recente — ela remonta, no volume das definições e citações que se aproximam do conteúdo sociológico, aos meados do século passado. (1) A amplitude da divergência, concentrada ao redor da concepção de “unidade”, “solidariedade” ou de “comum”, contém uma gama de variações que se estende desde a aplicação da palavra com um significado genérico (a comunidade humana) até àquela particularização da pequena comunidade, isolada em alguma quebrada de serra, quase auto-suficiente, infensa à mudança rápida de padrões culturais, voltada para si mesma, ligada

1 — Santo Agostinho, todavia, já citava Cícero em sua definição de Comunidade como o assunto de um povo (*res publica est res populi*) e acrescentando que ela não consistia simplesmente de mera aglomeração de homens reunidos por qualquer motivo, mas sim uma associação de uma multidão unida por um consenso em referência à Lei e por uma comunidade de interesses. Cícero, *De Re Publica*; Santo Agostinho, *De Civitate Dei*.

ao mundo exterior por laços muito fluidos e esporádicos. A nossa dificuldade preliminar, portanto, consiste, justamente, na fixação de um conceito impregnado de significado sociológico e suficientemente geral a ponto de se tornar passível de aproveitamento por qualquer ramificação profissional especializada que encontra o seu campo operacional entre grupos humanos.

Submetendo-se todos os aspectos da Comunidade examinados e debatidos pelos cientistas sociais (1a) a um processo redutivo, acreditamos na possibilidade de se recolher um residuo binário que reproduz, de um lado, uma relação estrutural: uma representação especial, local, com limites mais ou menos flexíveis — e um complexo cultural, com padrões generalizados de comportamento. De outro lado, reconhecer-se-ia a existência de um conjunto funcional, com correlações históricas, indicando a sistematização das relações dos grupos e a organização das atividades sociais. A comunidade, nessas circunstâncias, poderia ser estimada como uma área geográfica onde seres sociais desenvolveriam estilos de vida plasmados em um contexto cultural elaborado, em parte, através de um processo histórico e possuindo, como ponto de partida, um passado comum na participação de um sistema cultural e na partilha, por parte dos seus membros, de experiências habituais de vida — independentemente, de uma convergência ou identidade de interesses. Um elemento de natureza material e palpável fornecido por uma base geográfica de contornos não definidos e a constituição de um sentimento comum que se consubstancia na noção da permanência de um segmento de população que exhibe um estilo de vida encontra um passado de experiências comuns e liga-se por intermédio de uma perspectiva, também comum, das coisas e dos fatos. — o “nós” em oposição a “êles”, o restante do mundo — parece-nos encerrar os componentes indispensáveis, os fatores essenciais, para a representação da Comunidade.

O exame do panorama oferecido pela conjuntura nacional indica com nitidez dificuldades consideráveis para uma conciliação entre os aglomerados, as associações de indivíduos, as chamadas “comunidades” brasileiras e o conceito — extremamente simples — que apresentamos como medida para a nossa orientação. Em verdade, ampliando o nosso campo de observação, verificamos que, ao invés de núcleos de proporções variáveis semelhandos porções identificadas por elementos de

1.^a — Recomendamos, para um contato superficial sobre o assunto, toda a obra de Robert Redfield, especialmente os seus dois últimos trabalhos — *The Little Community* (Chicago, University of Chicago Press, 1956) e *Peasant Society and Culture* (Chicago, University of Chicago Press, 1956). O artigo de Conrad Arensburg “American Communities” (*American Anthropologist*, 57: págs. 1 143 a 1 162 e “The Community as Object and as a Sample” (*American Anthropologist*, 63: págs. 241 a 264). O livro de Maurice S. Stein, *The Eclipse of Community, an interpretation of american studies* (Princeton, Princeton University Press, 1960). O artigo de George M. Foster, “What is Folk Culture” (*American Anthropologist*, 53: págs. 159 a 173). O livro de Robert Park, *Human Communities* (Glencoe III, The Free Press, 1952).

ordem funcional e estrutural dentro de um clima de densidade e perspectiva comum, as comunidades brasileiras, quando ultrapassam as dimensões e a complexidade daqueles povoados que Lynn Smith denominou "grupos de vizinhança", caracterizam-se como justaposições de camadas representando subculturas basicamente interligadas através de vínculos da cultura nacional.

Essa impressão, que se retira, em parte, de um artigo de Charles Wagley (2) — pelo menos no tocante à sua classificação morfológica — e se percebe, a todo momento, tanto na literatura sociológica como na obra de numerosos novelistas regionais, encontra um apoio decisivo nas conclusões de alguns estudos objetivos, abrangendo aspectos globais de sistemas culturais em diversos pontos do território brasileiro. A seleção de amostras representando não somente situações ecológicas como também tipos de atividade econômica determinará, assim, a citação de vários desses trabalhos.

Estribados, portanto, em um conjunto de monografias resultantes de pesquisas e levantamentos — especialmente naqueles cuja metodologia condicionou o termo *community study*, estudos de comunidade — nos é lícito supor que nas pequenas povoações de poucas centenas de habitantes, a gradação da população em camadas não é muito comum. Estudos de pequenas localidades realizados tanto no litoral (3) e no interior (4) de S. Paulo, bem como no litoral do Estado do Rio de Janeiro (5) e no interior do Maranhão (6) não revelam a institucionalização de constelações de comportamento e atitudes segundo hierarquias de *status*. Todavia, Charles Wagley, escrevendo sobre Itá (7) — uma localidade de cerca de quinhentos habitantes, situada no Baixo Amazonas — já reconhece a existência de uma diferenciação entre os indivíduos que são assim caracterizados:

1. Gente de Primeira, ou os "brancos", que formam a classe local mais alta;

2 — Wagley, Charles — "Brazilian Community Studies: a Methodological Evaluation" in *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, Vol. 1, Editora Anhembi, São Paulo, 1955, págs. 353 a 382.

3 — Williams, Emillo e Mussolini, Gioconda — "Buzios Island — A calçara community in southern Brazil" — *Monographs of the American Ethnological Society*, vol. XX, JJ Agustín Publisher, Locust Valley, New York, 1952.

4 — Pierson Donald — *Cruz das Almas a Brazilian Village* — Smithsonian Institution Institute of Social Anthropology, Publication 12, United States Government Printing Office, Washington 1951.

5 — Raposo, Fontenelle, L. F. — *A Dinâmica dos Grupos Domésticos no Arraial do Cabo* — Serviço Social Rural — Série Estudos n.º 2, 1960 — RJ.

6 — Costa Eduardo, Otávio da — "The negro in Northern Brazil: a study in Acculturation" — *Monographs of the American Ethnological Society* vol. XV, JJ Agustín Publisher, New York, 1948.

7 — Wagley, Charles — *Uma comunidade amazônica: Estudo do Homem nos Trópicos* — Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 290, Companhia Editora Nacional. SP, 1957.

2. Gente de Segunda, ou os moradores urbanos da classe mais baixa;
3. Gente de Sítio, ou os que vivem nas propriedades agrícolas de terra firme;
4. Caboclos da Beira, ou os que vivem em cabanas construídas sobre estacas, nos pântanos das baixadas e nas ilhas alagadiças, e que ganham a vida nas indústrias puramente extrativas.

Uma classificação objetivamente formulada pelo autor, entretanto, é simplificada pelos próprios moradores da localidade, “de acôrdo com a posição social pela qual é encarado”, em uma escala menos elaborada:

“Os habitantes de Itá basearam-se em critérios diversos para atrair às pessoas sua legítima posição social, alguns dos quais estavam claramente definidos em suas mentes e outros que eram implicitamente aceitos. Assim como a gente da cidade tem uma tendência a considerar Itá uma cidade homogênea de camponeses de aldeia, a Gente de Primeira de Itá também costuma classificar todos os que lhe ficam abaixo na escala social de ‘o povo’ ou ‘caboclos’... Uma mulher da classe baixa disse-nos que a única e verdadeira Gente de Primeira que hoje se encontra em Itá são os forasteiros... Portanto, em um certo sentido, talvez se possa classificar a sociedade de Itá em duas classes sociais apenas — a mais alta e a mais baixa.” (8)

Em meio às considerações sobre os aspectos significativos que justificam o reconhecimento de um maior número de camadas e a distribuição dos indivíduos nesse sistema classificatório, podemos reconhecer, em um critério mais simples e aglutinado, determinadas atitudes e comportamentos assemelhados, a predominância de duas camadas ligadas por um grupo intermediário:

- a) A Gente de Primeira, que, “com exceção de duas ou três famílias, ... é constituída pelo prefeito, o chefe de polícia, os agentes da coletoria federal e estadual, os funcionários do SESP e suas respectivas famílias — todos administradores e funcionários públicos assalariados” e, acrescentaríamos também, voltados para o exterior, para as metrópoles ou maiores centros urbanos, com a sua formação intelectual ou profissional e o eixo dos seus interesses, do seu estilo de vida, de suas aspirações, deslocadas para longe de Itá;

8 — Wagley, Charles — op. cit., várias páginas.

- b) A massa "cabocla" da área rural e as suas ramificações entre a "classe pobre" da cidade, cujas alterações no padrão de vida e nas atitudes discriminatórias que assumem entre si não são suficientemente expressivas para desviá-los de suas características gerais — e que os prendem mais intensa e intimamente ao meio que habitam;
- c) Um segmento intermediário sem fisionomia bem definida, representado por pessoas que partilham, em proporções variáveis, as oportunidades econômicas, as atitudes, o conjunto de valores, de cada um dos dois grupos.

O livro de Wagley, em seu desenvolvimento, gravita ao redor dessa sistematização e, no decorrer das suas diversas seções, se vai acumulando, em minúcias impressionistas ou sob forma analítica, uma tremenda massa empírica e característica que ilustra, de modo indiscutível, não somente a nitidez da estratificação como também o sentido profundamente divergente do estilo de vida de cada camada. Esses estilos de vida que se concretizam também no isolamento das amostras típicas das famílias A, B e C — segundo o critério simplista das três camadas — reproduzem uma diversificação relacionada ao sentido material da subsistência e da estabilidade econômica, à orientação e sentido de interesse (muitas vezes reciprocamente opostos), à utilização de símbolos operativos desiguais nos sistemas de relações, à organização dos grupos domésticos, à representação do mundo social e mitológico, enfim, à ostentação de verdadeiras miniaturas de sistemas culturais. Mais importantes ainda são as feições nitidamente divorcistas dessas camadas: "O ideal de todo funcionário do governo federal ou estadual lotado no 'interior' é ser transferido para a cidade. Como a classe média é a classe mais alta das cidades, a primeira classe de Itá despreza o trabalho braçal. Desconhecem os problemas e os valores de seus conterrâneos da classe mais baixa — a segunda classe das pequenas cidades, os lavradores e seringueiros que vivem dos produtos da floresta nas zonas rurais. O abismo entre a camada mais alta e a mais baixa na sociedade amazônica é imenso." (9)

Tal estratificação pressupondo a existência de duas camadas básicas e de um grupo intermediário — significando muito mais que a adesão a traços sociais distintivos — tornam-se manifesta por intermédio de outros estudos em regiões geográficas diferentes da Amazônia. Uma pesquisa recente que conduzimos, com o auxílio de uma equipe de especialistas, em uma área serrana do Estado do Ceará, permite reconhecer, em uma área natural típica, uma paisagem social surpreendente parecida com a que Wagley analisou em Itá: a localidade de Morro Vermelho (10), contando uma população de

9 — Wagley, Charles — *op. cit.*, pág. 204.

10 — Monografia em elaboração.

cêrca de 5 mil habitantes — e dedicada inteiramente à agricultura e à comercialização de produtos agrícolas beneficiados — parece encerrar a mesma justaposição de camadas envolvendo uma diversidade e uma alteração radical de dois mundos culturais. O projeto de pesquisas da Universidade de Colúmbia em zonas características do Estado da Bahia — Vila Recôncavo (11), com uma população de 2.800 habitantes sòmente na área rural, em plantações de cana próximas da costa e da capital do Estado; Minas Velhas (12) no território montanhoso de mineração, com cêrca de 1.500 moradores no perímetro urbano; Monte Serrat (13), no sertão semi-árido e com uma população tão numerosa quanto Minas Velhas — apesar da dispersão de dados e da infeliz, lamentável ênfase na associação dos conceitos sociais de raça e classe social, permite o reconhecimento do fenômeno da dissociação de mentalidade, de estilos de vida, de escalas de valores, de universos mitológicos. Os estudos de Kalervo Oberg, realizados em regiões do Estado de Minas Gerais (14) e do Paraná (15), conduzem às mesmas conclusões. Em Aimorés, localidade de perto de oito mil habitantes, às margens do Rio Doce e na fronteira do Estado de Minas Gerais e Espírito Santo, tornou-se mesmo possível examinar e acompanhar a modificação de padrões culturais relacionados ao tratamento de doenças através das linhas de estratificação (16). Itaipava, no interior de São Paulo, com 1 485 habitantes, de tal maneira mos.rrou óbvia a dicotomia entre as duas camadas divergentes, que a identificação do segmento só foi efetuada após um contato mais prolongado com o campo (17). O levantamento realizado em Itumbiara, situada no Estado de Golás, com uma população de cêrca de cinco mil habitantes, apesar da brevidade do tempo dispensado aos trabalhos de campo, possibilitou o reconhecimento — segundo critérios mais simples — da mesma gradação encerrando diferenças profundas de concepções e estilos de vida. Mais para o sul, excetuando-se as zonas de colonização — que produziram o tipo “colono” da classificação de Oberg —, encontra-se na

11 — Hutchinson, Harry William — *Village and Plantation Life in Northeastern Brazil* — The American Ethnological Society, University of Washington Press, Seattle, 1957.

12 — Harris, Marvin — *Town and Country in Brazil* — Columbia University Press, New York, 1956.

13 — Zimmerman, Ben — *Race Relations in the Arid Sertão*, in *Race and Class in Rural Brazil* edited by Charles Wagley, UNESCO, Paris, 1952.

14 — Oberg, Kalervo — *Toledo: A Municipio on the Western Frontier of the State of Paraná*, Rio de Janeiro, -957.

15 — Oberg, Kalervo — *Chonin de Cima: A Rural Community in Minas Gerais, Brazil* — Mimeo. Second Edition, Rio de Janeiro, 1958.

16 — Raposo Fontenelle, L. F. — *Aimorés: Análise Antropológica de um programa de saúde* — Departamento Administrativo do Serviço Público, Serviço de Documentação, Rio de Janeiro, 1959 — ver especialmente o capítulo “Saúde e Classe Social”.

17 — Willems, Emilio — *Uma Vila Brasileira: Tradição e Transição* — Difusão Européia do Livro, SP, 1961.

população de tradição luso-brasileira o mesmo panorama na vasta obra de Oswaldo Cabral, de Fernando Carneiro e Carlos Alberto de Medina.

Essa série de estudos, tanto quanto possível globais, consistindo de amostras de populações que se estendem de norte ao sul do país, portanto revelam sempre a constância de um sistema de estratificação — com duas camadas perfeitamente definidas por padrões inconfundíveis, naquilo que poderíamos reunir e situar em dois conjuntos de categorias ou subculturas. A emergência dessas subculturas parece ter-se originado, através de condicionamentos de natureza econômica, histórica e ecológica, a partir de substratos diametralmente opostos: em um extremo assinalaríamos a preponderância de um substrato “caboclo” entendido aqui por seu significado cultural; e, em outro, reconheceríamos um complexo de noções e estilos de vida tradicionalmente cosmopolita e metropolitano.

Gioconda Mussoline, efetuando um balanço que conclui admitindo “uma grande uniformidade básica de nossos meios rústicos”, sugere a adoção de elementos sócio-culturais que, “apesar das diferenças regionais”, representam expressões típicas desse substrato caboclo: “colocaríamos, neste rol, a título de exemplo, a coivara, o muçirão, o “troca dia”, o adjutório, o “complexo cultural da farinha da mandioca”, o “complexo cultural da pesca da tainha”, o compadrio, as novenas, as folias (principalmente as organizadas ao redor do Divino Espírito Santo) e que parecem fornecer o paradigma para as demais”. (18) Esses elementos sócio-culturais encobrem a dinâmica de um sistema de relações, de um catolicismo medieval fortemente impregnado de influências mágicas. Kalervo Oberg, ao descrever, em largas pinceladas, o homem rural de Chonin de Cima, parece fornecer-nos uma imagem — ainda que excessivamente ortodoxa e independente de interferências regionais e de mudanças culturais — que conservamos como um compêndio básico do portador dessa subcultura:

“The basic personality of the rural man in Chonin de Cima appears to be intimately related to the simplicity of his cultural environment and his contacts with the outside world, however, have had little effect on the way of life back in the village and on the farms, no more for instance than the government extension service and the experimental farm, which exist in the “município”, have affected their land use practices. Poverty has placed most modern equipment beyond the reach of the poor rural dweller. Mental isolation due to illiteracy restricts his horizon, limits his understanding of the possibilities open to him... Consequently he carries on in the familiar time tested ways of his fathers, conscious of his poverty

18 — Mussolini, Gioconda — “Persistência e Mudança em Sociedades de “Folk” no Brasil” in *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, vol. 1 — Editora Anhembi, São Paulo, 1955, pág. 352.

and ignorance but suspicious of change, and desinterested in the ways of the educated, rich, and powerful who from the beginning have towered above him as a world apart... of first things that strikes an outsider is the alowness of the nervous reactions, both mental and physical. He is slow because he does not need to be fast, nor with his material equipment could he be fast even if he wished to be. Oxen and mules move slowly; the grist mill, the monjolo, the sugar mill move slowly. Clearing land with the ax, drying and burning, and planting with the hoe are slow processes. Some of this slowness is reflected in his speech, in the time it takes for him to make up his mind to do something. Even in church one is struck by the slowness with which the people kneel and later get up... The lack of sharp contracts in the seasons do not demand exactitude. He plants when the rains come, but the rains may be delayed a month or two. Harvesting can be delayed for there is no frost to fear. The cattle take care of themselves the year round. Nothing in his life is geared to clock time. The sun tells him when to rise and to go to bed, the process of cooking tells him when to go to church. Another characteristic is his lack of efficiency, forethought, and pride in achievement. His tools, furniture and processing equipment are crude. A tol or a part of a tol or a piece of equipment is good until it wears out and has to be replaced. To him it has a strictly utilitarian purpose and time is not wasted on useless refinements and decorations... the tendency of the countryman is to use a truck or a motor car like an ox cart or a monjolo — as long as it keeps going it is a good car. You think about repairs after it has broken down, just as you think about health after you get sick... Community and civic consciousness is but poorly developed... His attitude to the world outside is one of apathy." (19)

De outra parte, o substrato que condensa o estilo de vida metropolitana e cosmopolita vincula-se a grupos esquematizados e superficialmente caracterizados por Wagley: "It is comprised of doctors, lawyers, and other professional government employees and officials, owners of commercial establishments and their higher paid employees, officials of the armed forces, and the owners of fazendas, who participate in both plantation and metropolitan society. Whether they are descendants of nineteenth-century landed gentry or of recent immigrants who have achieved wealth and high social position, this class tends to adopt the values of nineteenth-century agrarian society. Although, as Antonio Candido has shown, there is at least in South Brazil a tendency for the large extended Brazilian family to disappear under urban conditions this upper class tends to maintain family connections to a degree reminiscent of the nineteenth-century agrarian society. Yet, at the same time, it is this class that is closely related to Europe and the United States and

19 — Oberg, Kalervo — 1958, op. cit., pág. 9.

that first adopts new fashions, modern technology, new forms of behavior and other innovations from abroad. Paradoxically this sub-culture seems to attempt and to introduce new modes and patterns." (20)

Apoiados, assim, em alguns trabalhos que refletem, objetivamente, uma carga factual e traduzem, empiricamente, realidades culturais em diversas partes do território nacional e em diferentes contextos ecológicos — e retratam ainda que precariamente, com maior ou menor fidelidade, o panorama brasileiro — acreditamos poder concluir que o conceito Comunidade tal como é adotado genericamente na literatura antropológica e ainda que reduzido e simplificado àqueles aspectos essenciais que enumeramos mais acima, não encontra correspondência nem adequação nas chamadas “comunidades brasileiras” — excluindo-se, naturalmente, as pequenas povoações, de população extremamente reduzida e sem qualquer diversificação ocupacional. Nesses núcelos diminutos, vivendo praticamente para a sobrevivência ou como pontos avançados para a exploração dos recursos naturais em proveito da comercialização em emporios distantes, predomina geralmente uma subcultura derivada do substrato caboclo. As “comunidades” maiores parecem estar estruturadas em duas camadas, desproporcionadas em tamanho, correspondentes a pólos que convencionamos denominar neste trabalho como subculturas, derivadas de contextos e substratos originais — e, entre elas, um segmento tênue, sem muita caracterização própria, uma “classe média de hábitos urbanos” que procura adotar traços característicos de uma ou outra camada na medida que se aproxima de um ou outro extremo. As variáveis que emprestam uma fisionomia típica à “comunidade” residem, então, na influência ecológica, no grau de legitimidade e na aproximação das subculturas em relação ao contexto inicial e na organização e formação do segmento intermédio.

Por uma razão técnica escolhemos o conceito de subcultura como elemento de fixação de características culturais e sociais ao invés do termo classe social — que encontramos em quase tôdas as monografias citadas — evidentemente, em atenção ao maior alcance do seu conteúdo e à acomodação às peculiaridades que apresentam essas camadas no Brasil rural. Em outras circunstâncias, possivelmente, a utilização do conceito subcultura, encerrando a noção concomitante de imobilização, também seria inadequada para sugerir as imensas possibilidades de mobilidade inerentes ao sistema de estratificação social no Brasil. Esse sistema, como tentaremos demonstrar em artigo recentemente encaminhado para publicação, basear-se-ia, sobretudo no conceito do “prazer” e na maior ou menor capacidade de desfrute. Por isso mesmo que elegemos o caráter estático fornecido

20 — Wagley, Charles — 1955, *op. cit.*, pág. 371.

pelo conceito de subcultura para o exame de uma conjuntura rural. Para nós, classe social, antes de mais nada admite apenas uma diversificação social dentro de um sistema de cultura relativamente homogêneo — as diferenças significando variações, de acordo com limitações muito claras, de renda e recursos financeiros, exteriorizações de padrões de consumo, refinamento educacional, interesses específicos e uma “psicologia de classe” condensada em símbolos, atitudes e comportamentos. Aparentemente, as camadas cujos traços distintivos são descritos e analisados nas monografias citadas revelam uma discrepância que não se restringe apenas à observância dos indivíduos e de formas institucionalizadas em um sistema de relações, nem à adoção de um estilo de vida em concordância a modelos moldados na gradação de *status*. Elas sugerem, antes, a polarização e a cristalização, em dado momento, de realidades instrumentais, de estruturas sociais e níveis mitológicos em categorias profundamente distanciadas — apesar da proximidade espacial e da inter-relação dos grupos.